

O LOULÉTANO

JORNAL PROGRESSISTA DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSÁVEL J. P. LAXA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1.600 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampillas.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da B. Bacam 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo commum, 20 réis annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualque publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

LOULÉ

As propostas já apresentadas ao parlamento pelos sr. ministros da fazenda e da justiça, vieram confirmar plenamente os creditos de talentosos e de trabalhadores de que ha muito gosavam em todo o paiz os srs. Fuschini e Antonio d'Azevedo.

Se as propostas de fazenda não podem já ser justamente apreciadas pela sua extrema importancia e complexidade, encerrando os mais difficeis problemas d'administração, é certo que revelam muitissimo trabalho e muito boa vontade, por parte de quem as elaborou, de ser útil ao seu paiz.

A rectificação do orçamento, tornando este documento mais simples e comprehensivel, traz um augmento de receita e uma diminuição de despeza importantes, mas que ainda não chegam a destruir o deficit.

Para conseguir este velhissimo desideratum de equilibrio entre os lucros e os dispendios, forçoso, pois, era recorrer ao credito ou ao lançamento de novos impostos ou ao augmento dos existentes.

Até ha bem pouco tempo ainda os nossos governos lançavam mão d'estes dois meios para a extinção do deficit e o mal-fadado teimava sempre em renascer ao passo que a divida ia constantemente augmentando.

O sr. Oliveira Martins, lançando a celebre *contribuição de guerra* não se emancipou ainda da velha escola, por isso que se preparava para tambem recorrer ao credito, quando a lealdade do sr. José Dias Ferreira o poz fóra dos conselhos da corte.

Foi o sr. Dias Ferreira, diga-se a verdade, quem primeiro abertamente conclamou a idéa de que o paiz não podia com mais empréstimos e que era necessario governarmos-nos com a *prata* da casa, remodelando a nossa situação financeira, desenvolvendo a economica e tendo muito juizo.

Mas o nobre presidente do conselho que foi, com pretensões a financeiro emérito, o ultimo nephelibata da governação publica, não teve pulso para saber dirigir a nau do estado em harmonia com o ideal que pregava e foi o primeiro a demonstrar, se não a falta de juizo, pelo menos a auzenzia de bom senso.

Estava reservada, talvez ao sr. Fuschini, a gloria de traduzir em factos o pensamento do seu antecessor. E dizemos talvez, porque as propostas tributarias recentemente apresentadas, posto que no

seu conjuncto se afigurem accitaveis, hão de, em todo o caso, encontrar na discussão attritos e má vontade da parte dos que mais directamente se julgarem feridos nos seus interesses. Mas o sr. Fuschini declara com hombridade que aceita a collaboração de todos no aperfeçoamento das medidas que confecionou, e não haverá razão para que se não siga o plano geral do nobre ministro, ainda que um estudo demorado demonstre a existencia de alguns pontos, menos justos ou incompletos no augmento tributario.

E muito possivel será que simplesmente a remodelação das matrizes predias traga ao mesmo tempo que uma distribuição mais equitativa do imposto, um augmento tal de rendimento, que não venha a haver necessidade de crear novos encargos ou fazer pezar mais os existentes. No entanto, ainda que isto se dê, leva bastante tempo uma transformação no cadastro predial e necessario se torna desde já descobrir receita que possa fazer face aos embaraços da actualidade.

Justo será então que os illustres representantes do paiz se empenhem em estudar as medidas que agora lhes foram submetidas á sua apreciação, afim de se regularisar com honestidade a nossa desgraçada situação financeira.

Porque, enfim, arrumada como parece a questão com os credores externos, de um modo que a todos satisfizesse, e achando-se equilibrado o orçamento, fica uma situação reiaivamente desfogada, que poderá permitir o desenvolvimento da economia nacional, base essencial de toda a riqueza e progresso.

As propostas do sr. ministro da justiça mostram, a par d'uma clareza d'idéas pouco vulgar, a nobreza d'um caracter justamente apreciado por todos os que conhecem e têm acompanhado o illustre estadista na sua brilhante vida publica e particular.

O actual governo soube, pois, até este momento, desempenhar-se dos seus compromissos contrahidos para com o paiz ao assumir as culminancias do poder. E por isso a attitude benevola de todo o grande partido liberal durante o intervallo parlamentar com mais razão se impõe agora, como nobremente o declarou o nosso illustre chefe o sr. conselheiro José Luciano de Castro na reunião de deputados e pares progressistas, ha pouco realisada.

E por isso todos os membros do partido progressista, sem invejas nem outras

ambições que as de cooperar para o bem da patria, seguem unidos ao seu honrado chefe no apoio real e desinteressado a tudo que represente um impulso benefico na regeneração do paiz, seja embora diversa a politica da situação que occupa o poder.

As poderosas faculdades do sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto

Sob este titulo conta-nos o nosso illustre collega, o *Distrito de Faro*, uma conversação havida entre o sr. governador civil e o digno prelado d'esta diocese, por occasião de s. ex.^a rev.^{ma} partir ultimamente para Lisboa.

O interessante acontecimento era já de nosso dominio, mas haviamos resolvido não divulgar o no proposito commiserador de não tornar mais publico o descommunal fiasco do inclito conselheiro, o paladino denodado do municipio cá da terra. O *Distrito de Faro*, porém, narra o caso e nós narral-o-hemos tambem, certos de que para o impagavel conselheiro, devotado como está a tudo sacrificar nas aras marçalinas, pouco importará o facto de o pouparmos á narração de mais uma das suas inauditas parvoicadas.

E' de todos sabido que a camara municipal de Loulé, depois de ver fallidos todos os seus asnaticos e malevolos projectos para a realisação da festividade da Senhora da Piedade fóra da freguezia respectiva, officiou ao sr. arcebispo bispo declarando que reservava a festa para o mez d'agosto, visto que a fazel-a agora ficaria impossibilitada de colher os valiosos elementos para este fim prestados pela classe corticeira, presentemente dedicada aos seus negocios.

Ora a camara sabe bem que nunca a festa da Piedade, para se fazer com pompa e brilhantismo se careceu para isso das offendas da classe corticeira, que nem é numerosa no nosso concelho, especialmente na freguezia, nem para esta ou outra qualquer festividade ella costuma contribuir com generosidade particular; foi isto simplesmente um pretexto capcioso, que todos comprehendem e a que o illustre prelado deu igualmente o peso devido, não o accitando nem admitindo.

Como resposta ao officio da camara, s. ex.^a participou a esta que, dada a impossibilidade que o municipio allegava para, como lhe cumpria, proceder immediatamente á festa, e havendo uma commissão de parochianos de S. Sebastião que se obrigava, por si só, á realisação d'ella, s. ex.^a ia conceder para isso a devida licença.

entontecem facilmente; ella mudou um pouco de caracter, tinha sido admirada, festejada por aquellas senhoras ricas da cidade; uma sementinha de vaidade, pequenina; mas ha cousas pequeninas, muito pequeninas, que são funestas; olhem esses organismos microscopicos que devastam cidades em poucos dias. A rapariga julgou-se superior ás da sua igualha, ficou sabendo que a frescura da pelle, a belleza das formas, a cor do cabelo eram attractivos dominadores; ficou sabendo que era bonita; ao mesmo tempo as outras raparigas vendo-a tão chamada e presenteada ficaram invejosas, desestimaram-na; e os rapazes estranharam-na porque os tratou com certo desdém, respondendo sempre muito séria. E ella cada vez mais linda moça, mais guapa rapariga; a Chica do Vairão era o sonho, o enlivo de muitos rapazes; aos 18 annos era a grande formosura d'aquelles sitios; deitava luz a rapariga.

Um dia, pelas dez horas da manhã, appareceram em Sades dois homens vestidos á maneira da cidade, mas de fato encebado e ruço; montando uns burritos hirsutos.

—São beleguins, disseram logo na aldeia. Perguntaram pelo Vairão; indicaram-lhe a

Não agradou ao conselheiro Lourenço a sensatez e justiça d'esta resolução, e n'um impeto de orgulho ferido, ahí va e elle procurar o rev.^{mo} prelado no intuito de lembrar quaes as consequencias a temer pelo facto de se realisar uma festa que não fosse a que a camara determinára fazer em agosto... com corticeiros.

O sr. Arcebispo-Bispo foi encontrado pelo sr. conselheiro na estação do caminho de ferro, subindo para a carruagem em que fez a viagem para Lisboa.

—Venho declarar a v. ex.^a que a festa da Senhora da Piedade não se póde fazer.

—O sr. governador civil dirá porquê...

—Porque... a fazer-se, seria ir dar um golpe mortal na politica do nosso amigo Marçal Pacheco!!!

—«Nosso amigo», distingo,—interrompen, visivelmente incommodado com esta venalidade d'uma auctoridade, o digno prelado. Eu devo recordar a v. ex.^a que não sou bispo do Algarve para fazer a politica do sr. Marçal Pacheco, ou de quem quer que seja; a minha missão, mais nobre e levantada, é a de acompanhar em justiça os meus diocesanos, e o sr. Marçal Pacheco... nem meu diocesano é.

N'esta altura, o sr. conselheiro principiou a mastigar em secco, e o comboio, pondo-se em movimento, produziu um ruido, que não deixou ouvir da bocca do infeliz Lourenço senão estas palavras titubiantes:

—Mas... mas... isto será... será uma dor roia.

E retirou em seguida, por entre a gargalhada caustica dos muitos espectadores, que riram para não terem de enjoar ante o desplante idiota, e os ridiculos incomparaveis d'esta nephelibatissima auctoridade.

Recollido a penates mais morto de que vivo, o sr. conselheiro Lourenço transportou para tres folhas de papel de *marquinha* as amarissimas impressões que lhe roiam a alma, desde que, no mais abnegado dos intentos, fóra, para sorte tão macaca, advogar junto do prelado a causa do seu idolatrado Marçal, esse que é para elle o que *Dulcinéa del Toboso* foi para *D. Quichote de la Mancha*,—a força, a intrepidez, a inspiração!

Mas o desalentado conselheiro estava ainda para novos e mais cruéis dissabores, quando afinal só era justo receber palavras de consolação, um como premio conferido á sua muita sollicitude e zelo inexcusable: De resposta ás tres folhas de *marquinha* a ingrata Dulcinéa dá-lhe com os *pratos na cara*, ponderando-lhe em phrase acerba não estar resolvida a pagar-lhe sermões que não tivera en-

vereda; uma mulher mais atrevida perguntou-lhes o que iam fazer; não deram resposta; um rapaz correu logo por um atalho, avisar os amigos, desconfiado de que iam prender alguém para soldado. Nada, os beleguins chegaram ao Vairão e perguntaram pelo casal onde morava uma rapariga chamada Francisca Rosa.

Grandes commentarios logo; seria deixa? ou presente? ou convite para casa das taes banhistas?

Os homens entraram, e conversaram com o pae; o velho ficou aterrado: elles não sabiam ou não quizeram dizer o motivo, disseram só que tinham ordem de levar a filha presa para Coimbra; eram bons homens porém; chefes de familia, queriam-lhe poupar vergonhas, elle que levasse a filha a Coimbra, no dia seguinte; que desse a palavra de honra. Elle prometteu. A Chica soube apenas que no dia seguinte iria com o pae a Coimbra; porquê? nem o pae sabia; os homens nada descobriram, sahiram deixando a incerteza, o susto apenas.

(Conclue no proximo numero).

GABRIEL PEREIRA.

FOLHETIM

A CHICA DO VAIRÃO

—*

Ella approximou-se, recebeu um quarto de pão e fructa; depois, rindo-se muito, olhou para mim, disse—não era eu, não era—, e affastou-se correndo.

Fiquei agourado, um louco produz-me sempre uma impressão penosissima, estancou-se-me o bom humor.

O barbeiro disse—E' a Chica; o nome d'ella é Francisca Rosa, aquillo é uma pena; era linda, o palminho de cara mais mimoso aqui dos sitios; tinha fama, e rapariga boa de lei, sem nada que se lhe dizer.

—Uma tristeza, e pensar como aquillo foi.

—Uma maroteira, uma infamia...

—Não, um desastre, uma fatalidade; um engano horrivel. A Chica morava n'um casal do Vairão; é um grupo de casebres que dista de Sades umas cem agulhadas; ella e o pae; de pequenina ficou orphã de mãe; elle homem honesto e trabalhador, ella aos 14 annos já tecia toalhas e guardanapos; viviam

bem; elle não via outra cousa no mundo senão a sua filha, era a menina dos seus olhos, gabava-a a toda a gente, gostava de a trazer muito asseada, comprava-lhe ouros, lenços de seda, tamanquinhos catitas forrados de marroquim; era uma graça vel-a nas festas. Timida, acanhada, corava com qualquer palavra.

Um bello dia uns banhistas do Luso, em alegre burricada, chegaram até Vairão; uma senhora pediu agua; appareceu a Francisca Rosa com o copo; fizeram-lhe muita festa, quanto mais corava mais linda se fazia; convidaram-na a apparecer no Luso, que levasse fructas para vender; ella ficou muito grata ás amaveis senhoras e no primeiro domingo foi ao Luso, em companhia do pae. Levava o seu vestido de festa, as meias bordadas, com abertos, o lenço de linho muito alvo, de malha larga, sobre os hombros, atando atraz; lenço de seda azul na cabeça, e as suas arrecadas, os seus ouros; fizeram-lhe uma ovação, a gentileza realçava ainda pelo ar de recato, de acanhamento aldeão; tornou-se favorita d'aquellas senhoras, ia passar dias com ellas; o contacto de certas pessoas, nas melhores intenções, é ás vezes prejudicial; ha mentes que

commendado e que só serviram para fazer saber a Deus e ao mundo que o sr. Marçal Pacheco, que se diz senhor-mór d'este reino do Algarve, não tem sequer a força sufficiente para satisfazer os amigos da camara na sua ultima pretensão de fazerem em agosto a festa que deve ser feita já, quer queiram, quer não.

Effectivamente o sr. Marçal não deve estar satisfeito com a indiscreta declaração do destemido e fogoso conselheiro. Isto de fazer publico que a politica de certo potentado não será capaz de resistir á concorrência pyrotechnica de qualquer romaria, é triste, muito triste!

Não se metta n'outra, sr. Lourenço! não é impunemente que d'um momento para o outro se diz uma verdade d'aquellas...

Saida:—Hontem de manhã partiu para Beja a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta Lança, irmã do nosso director politico.

Aquella senhora vai ali assistir ás festas do Sacramento, que este anno se celebram com toda a pompa e solemnidade e ás quaes vão assistir suas Magestades, para cuja recepção se preparam grandes festejos.

O sr. ministro da justiça já apresentou ao parlamento a proposta de lei relativa á responsabilidade ministerial. Por ella são os ministros solidariamente responsaveis pelos actos da geral administração do estado, e cada um de per si responsavel pelos actos proprios das suas attribuições privativas.

Com respeito a responsabilidade criminal, determina-se que os ministros são responsaveis: por traição, peita, suborno ou concussão, abuso de poder, falta d'observancia das leis, pelo que praticarem contra a liberdade, segurança ou propriedade dos cidadãos, ou por qualquer dissipação dos bens publicos.

Oxalá essa lei seja approvada no parlamento, mas isso só não basta: é necessario que se torne effectiva, o que incontestavelmente produzirá beneficos resultados.

De ha muito que esta lei estava sendo reclamada, apesar das disposições da esfarripada Carta.

Pesca:—Na semana finda foi mais abundante a pesca de atum.

O resultado da pesca effectuada nas armações até ao dia 19 do corrente é o que em seguida indicamos:

Forte Novo—1741 peixes.

Ramalhete—948 peixes.

Galé—306 peixes.

Não afiançamos que sejam exactos os numeros indicados com relação ao Ramalhete e Galé porque pode ter havido engano nas informações que nos prestaram.

Hontem o Forte Novo tambem copejou, e soubemos por noticia telegraphica que o numero de atuns foi de 416.

Não podemos fornecer aos nossos leitores informações a respeito das armações de Carvoeiro e Cabo de Santa Maria por ignorarmos qual tenha sido até agora a pesca de cada uma d'ellas.

Escrivães de direito:—Teem logar no dia 22 e 23 do corrente as provas oraes para os concorrentes áquelles logares. Entre o numero dos concorrentes, que é de 97, encontra-se o nosso querido amigo Adriano Emilio de Souza Mendes Leal, que se acha em Lisboa desde quinta-feira, 18.

A reconhecida capacidade d'este nosso bom e intelligente amigo dar-lhe-ha sem duvida um logar distincto entre os demais concorrentes, resultado este com que muito sinceramente folgaremos.

Enlace:—Na quarta-feira passada, na parochial de S. Sebastião, uniram-se pelos laços indissolúveis do matrimonio a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Carmo Bandeirinha, filha do sr. Manoel Bandeirinha, e o sr. Domingos Morgado.

Foram testemunhas as ex.^{mas} sr.^{as} D. Piedra Albas Martins e D. Maria das Dóres Bandeirinha Cavaco e o nosso amigo Bento Martins e o sr. José Guerreiro Cavaco, commerciante d'esta villa.

Desejamos aos noivos uma prolongada e feliz lua de mel.

Chegou ante-hontem a Faro, onde vem procurar alivio aos seus padecimentos o nosso particular amigo Joaquim da Ponte, intelligente quintanista de direito.

Que consiga uma cura rapida e efficaz são os ardentes votos d'amigos sinceros como nos o sabemos ser de tão distincto cavalheiro.

VENDEM-SE

Por **BAIXO PREÇO** acções da empresa do jornal o «Algarvio».

Quem pretender dirija-se á redacção do «Louletano».

Faz hoje oito dias alguém informou-nos de que a ermida da Piedade se achava cercada desde a madrugada de alguns soldados e policiaes civis, que não consentindo que ninguém entrasse na referida ermida se oppunham pela mesma forma a que a porta d'esta estivesse aberta, como succede todos os dias.

Não o acreditamos logo, tão extraordinario achavamos o facto d'uma igreja se achar guardada á vista, com um rigor e apparato só para desejar... na relação do Porto, por exemplo, onde presentemente se encontra um dos maiores criminosos do nosso tempo — o Urbino.

A imagem da Piedade, ao que nos conste, não commetteu crime algum pelo qual podesse desafiar ao administrador do concelho de Loulé, e á sabia camara da mesma villa, a extrema medida da incommunicabilidade... para a Virgem!!!

Para que, pois todos aquelles soldados e policiaes em guarda da ermida? para que na tarde d'esse mesmo domingo, a chegada a esta villa d'uma força de 35 praças, que ninguém esperava e que nos disseram vir de reforço á que já aqui se achava?

Ninguém nos responde a estas perguntas; todos, como nós, se acham possuídos do mesmo espanto, da mesma estranhesa.

Chegou a força commandada por um tenente e foi-se a força commandada pelo mesmo tenente, que nos disse ter aqui chegado na expectativa de graves acontecimentos e que, afinal, o que simplesmente de extraordinario achou foi o facto de ninguém o procurar para lhe dar as menores ordens, de ninguém lhe dizer o fim para que havia sido feita a requisição da força.

Espantoso, unico, mais de que ridiculo, —repugnante.

O commandante do destacamento logo que aqui chegou e verificou que era uma estupidéz d'auctoridade poderia produzir um tal disparate, telegraphou ao quartel general, participando haver chegado a Loulé com a força e nada cá ter que fazer com ella, visto que o socego era geral, como geral foi o espanto provocado pela sua vinda, desde que nem presumpções havia de que a ordem por principio algum podesse ser alterada.

A resposta do quartel general, foi como não podia deixar de ser, o dar ordens para a força retirar immediatamente. E assim succedeu. Na terça-feira de madrugada a força lá retirou para Faro, maldizendo a estopada, e dando ao diabo a alma de quem fôra causa do seu desasocego.

Mas a ermida tem continuado sob a guarda vigilante da policia, que abre a porta, que fecha a porta, que deixa entrar uns, que prohibe a entrada a outros, que procede emfim segundo umas ordens que não sabemos d'onde emanam, nem qual o motivo que as inspira e a quem quer que seja que as decreta.

Será o sr. governador civil que assim o ordena ao seu digno e analfabetico representante em Loulé, ou será a sabia camara igualmente instruida por planos particulares do amigo conselheiro?

Ninguém o sabe, comquanto estejamos convencidos, e como nós toda a gente, de que todo este embroglio escandaloso, encerrou a principio um plano, a breve trecho gorado, e que agora encerra simplesmente a continuação d'uma *casmurice* municipal.

O plano visava o fim traiçoeiro de insinuar no animo do digno prelado da diocese, que os habitantes de Loulé se encontravam desavindos, e que o conferir elle a licença prometida para a realização d'uma festa immediata, acarretaria os perigos d'um conflicto. Então requisitou-se força, e escudados com ella os *leaders* marçalistas, affagaram a idéa de impunemente provocar a desordem, alardeando depois as exaltações dos espiritos e concluindo fingidamente d'aqui a inopportunidade da festa.

Mas os desordeiros põem e Deus dispõe. Quando o plano começára a praticar-se, quando individuos nunca vistos em determinados sitios, ali appareceram no domingo, ameaçando terra e mar com a *grossura* alentada de monstruosos bengalões, um acontecimento deploravel, uma desgraça extraordinaria, veio so-

bresaltar a villa inteira, desviando todas as suas atenções para o espectáculo lancinante d'uma senhora nova, muito nova, que terminara a sua vida, desgostosa e desesperada, com um tiro de pistola.

Destruído, pois, o plano pela consternação geral de caso tão triste e imprevisto, subsistia a *casmurice* d'um municipio, que declara abertamente estar resolvido a não acatar as leis do paiz, ainda que para isso tenha de usar dos meios que está usando, taes são os de fazer *guardar á vista pela força armada* uma imagem e uma ermida de que se julga unica *senhora e possuidora*.

O portaria de 23 de março de 1854 que dispõe contra a intervenção de qualquer corporação em assumptos religiosos, é letra morta para a camara de Loulé, que se crê invulneravel, invicta, dentro da esphera inatingivel da sua ignorancia profunda.

Classificou-se espaventosamente de desacato o facto de muitas centenas de pessoas conduzirem respeitavelmente para um templo da villa a imagem da Virgem; o facto de collocar sentinellas a essa mesma imagem, a prohibição arrogantemente feita por 4 policiaes civis da entrada na ermida a quem lá vae, ainda que no desempenho grato d'uma promessa, — que classificação merecerá então por parte d'esses *moralistas* que nós conhecemos?!

Já morreu Offenbach; vivo ainda, nunca elle teria encontrado mais grotescos *motivos* para sobre elles fazer a applicação das suas musicas picarescas.

O sr. governador civil de Faro, o administrador do concelho de Loulé, e o nosso senado, estão a pedir «*Opera buffa*», não ha que ver.

Sociedade philharmonica «Artistas de Minerva»

Completa hoje 16 annos d'existencia esta sympathica corporação. Segundo ouvimos, os seus membros tencionam festejar o 16.^o anniversario da corporação, percorrendo de manhã as ruas da villa e tocando á tarde no largo de S. Francisco, variados numeros de musica expressamente ensaiados para esta occasião.

Regressou de Lisboa na sexta-feira, 19, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria das Dóres Rebello Aboim, que acompanhada de seu irmao e nosso amigo Luiz d'Albuquerque Rebello, ha pouco para ali havia partido com o fim de consultar as auctoridades medicas sobre os seus padecimentos. Sua ex.^a veiu animada com a opinião da sciencia, que presentemente dispõe dos recursos poderosos para combater as molestias mais graves, e aquella que afflige a sr.^a D. Maria das Dóres, não tem, felizmente, a gravidade que a principio se lhe attribuiu.

Doença:—Com um ligeiro ataque de erispelela tem estado de cama n'estes ultimos dois dias o nosso presado amigo o sr. Manoel Rodrigues Corrêa, abastado commerciante d'esta villa.

Não inspira cuidado a molestia que afflige o nosso amigo e o restabelecimento será por isso breve como são os seus e nossos intimos desejos.

Partida:—Partiu para Lisboa o sr. João Miranda Amador representante da firma commercial Rigoni Corrêa d'Oliveira & C.^a.

Decididamente, inquestionavelmente, o sr. governador civil de Faro está a pedir *capacete de gelo*; sem a applicação immediata de refrigerante tão energico, o encephalo doentio de sua ex.^a, é, dentro em pouco, coisa que ninguém aproveita.

A sua acrisolada devoção por S. Marçal e o fundo enternecimento com que elle acolhe as monstruosas calinadas do insigne senado d'esta villa, tudo isto vae ser a ruina fatal das suas faculdades poderosas. E, francamente, já faz pena ouvir o que nos contam sobre os primeiros symptomas da doença que começa a mortifical-o.

As devoções levadas a um determinado grau de tensão, descambam fatalmente em monomanias, e o sr. Julio Lourenço Pinto passa já longas horas concentrado, n'um pronunciado estado de completo alheamento. E alguém que n'estes momentos lhe passa ao lado, ouve que sua ex.^a, na recitação monotonica e interminavel de coisas sem nexo, balbucia a miudo estas palavras soltas:

«O Marçal... dou a vida, 'oh! o amor de Marçal..., uma cabana... e muitos pardaes...»
Faz dó!

Suicidio:—No domingo á noite foi a villa sobresaltada por toques de apito e toques de rebate na torre da igreja Matriz; julgava-se ao principio que fosse incendio porque do predio contiguo á Misericórdia partiam gritos pedindo soccorro.

Foi uma desgraça de outra ordem a que consternou todos os habitantes d'esta villa.

A ex.^{ma} sr.^a D. Marianna da Encarnação Rocheta, pôz termo á existencia, desfechando um tiro no ouvido.

Antes de pôr em pratica tão triste e lamentavel resolução esteve adormecendo o seu querido filhinho, e sobre o travesseiro, onde a innocente creança reclinava a cabeça, deram abundantes lagrimas, despedindo-se para sempre d'elle e deixando-o n'este mundo sem os doces carinhos de mãe; depois vestiu-se com toda a decencia e deitada sobre a cama deu um tiro no ouvido.

Triste, muito triste.
Aos vinte e seis annos, na flôr da idade, na pujança da vida, já aborrecida e farta de viver?!

Aos vinte e seis annos, idade em que todos são ainda embalados pelos sonhos da mocidade, quando vêem deante de si um vasto horizonte a sorrir-lhes, e para os paes e mães o futuro de seus filhinhos queridos que todos justamente ambicionam feliz!

Mas, muitas vezes, o martyrio passado n'esta vida, cega a intelligencia, escurece o futuro e nem o laço intimo que prende o pae ao filho é força sufficiente para evitar uma allucinada resolução; e n'esse momento fatal, desprendido de tudo, porque a intelligencia não funciona regularmente, commette-se um acto de desespero, e deixa-se um filho orphão, sem as suaves caricias que só o amor de mãe sabe prestar ao filho amado.

Descance em paz a infeliz senhora, e recebam os seus parentes a expressão do nosso sentimento pelo triste successo que os enluto e que tão grande impressão causou em todos.

Partiu no dia 14 do corrente para villa velha de Rodam, o sr. Francisco da Luz Clara, abastado proprietario dos Vallarinhos.

Vae tratar dos seus negocios de cortiça n'aquella villa. Desejamos que chegasse bem.

Tambem para Ponte de Sor, partiu na quarta-feira o sr. José Gonçalves Ramos, proprietario, do sitio dos Agostos freguezia de Santa Barbara de Nexe.

O *Cosmos* publica uma curiosa experiencia de M. Lémery, que serve de demonstração a uma theoria do vulcanismo e tremores de terra.

Misturem-se partes eguaes de limalha de ferro e de enxofre em pó e reduza-se a mistura a uma pasta por meio da agua que se lhe addicionará em quantidade sufficiente. Enterre-se no solo a 30 ou 40 centímetros de profundidade uma porção d'essa pasta pezando uns 50 kilos; se o tempo está quente, 10 ou 12 horas depois, ver-se-ha tremer a terra, pouco depois abrirem-se fendas por onde sahirão chamas que augmentarão successivamente, espalhando-se em volta um pó amarelado ou escuro e um forte cheiro a enxofre.

Teremos pois um vulcão de gabinete, por assim dizer. Claro é que se em vez de operar com 50 kilos da pasta mencionada, se operasse com milhares de toneladas, o phenomeno approximaria-se-hia de um verdadeiro vulcão.

Deve-se notar para tornar bem frisante a semilhança entre a experiencia e os vulcões naturaes que em volta d'estes se espalha além do pronunciado cheiro a enxofre, uma grande quantidade d'este metalloide e de particulas metallicas misturadas com as escorias lançadas pelo vulcão.

E' pois possível que grandes quantidades d'enxofre e de ferro que se encontram na crôsta terrestre em determinados pontos seja algumas vezes a verdadeira causa do phenomeno vulcanico.

Luiz XI desceu, uma tarde, á cosinha do seu castello em «Plessis les Tours», e encontrou lá uma creança de 14 a 15 annos que torrava café. Admirado da belleza da creança, perguntou:

—D'onde és tu? Como te chamas? Quanto ganhas?

—Sou de Berry, chamo-me Estevão e ganho tanto como o rei.

—Quanto ganha o rei, interrogou Luiz.

—As suas despesas e eu as minhas.

Reprovavam a um pae o casar o filho muito novo:

—Espere, diziam-lhe, que elle tenha algum juizo mais...

—Nessa não caio eu! Depois não queira...

E' digno d'attenção o seguinte curioso caso, passado ha oito dias:

Uma pobre mulher, que veio de bem longe pagar uma promessa á N. S. da Piedade, no domingo passado, encontrou a porta da capella fechada á ordem do administrador do concelho!!!

Pediú aos policiaes que a deixassem entrar, porque era de longe e não podia voltar tão cedo. Nada conseguiu. O proprio ermitão, com dó da mulhersinha, que vinha cheia de fé pagar a sua divida de gratidão á Mãe dos Afflictos, pediu, rogou, instou aos taes esbirros da auctoridade, e a nada estes se moveram.

A resposta foi—«não entra, não pode entrar, a porta não se abre».

Perguntamos nós agora: com que auctoridade mandou o administrador do concelho fechar uma capella filial da freguezia de S. Sebastião?

Em que código, lei, decreto ou portaria se fundou o administrador para proceder d'uma maneira tão insolita e que constitue um abuso d'auctoridade, punido pelas nossas leis penaes?

O sr. ministro do reino faria um bem se investigasse de todos os actos que os seus subordinados aqui praticam, não deixando de metter em linha de conta os do *impagavel* conselheiro Lourenço, cujas poderosas faculdades intellectuaes se manifestam d'um modo *tão brilhante*.

Tratado de commercio com a Hespanha

Como dissemos no nosso ultimo numero, houve o mais completo accordo entre os membros da commissão mixta, encarregada de determinar a linha divisoria das aguas jurisdiccionadas de Portugal e Hespanha.

No dia 12 foi lavrada na sala das sessões da camara municipal de Villa Real de Santo Antonio, a acta na qual a commissão mixta apresenta as seguintes conclusões:

1.ª—Que a linha de delimitação das aguas jurisdiccionadas parte do meio da linha da foz, e siga até ao ponto de junção dos thalwegs das duas barras, do rio Guadiana continuando depois com uma pequena inclinação ao sudoeste a vir encontrar a distancia de nove milhas da terra o meridiano da ponta de Santo Antonio, seguindo depois este meridiano até ao limite da zona reservada a cada paiz (doze milhas distante da costa).

Esta linha quebrada ficou marcada no terreno por meio de enfiamentos de pontos determinados em terra, permitindo assim não só aos navios cruzadores como tambem aos barcos das duas nações o poderem saber se estão nas aguas jurisdiccionadas de Portugal ou de Hespanha.

2.ª—Que visto a frequente alteração dos thalwegs das duas barras do rio Guadiana, conviria rectificar periodicamente a linha de delimitação, e modificá-la segundo o movimento dos canaes da barra, para que assim se mantenha o principio, de que ambos os paizes tenham aguas sempre proprias para navegar.

Parece-nos, que sem prejuizo algum se deveria substituir a linha quebrada, que acaba de ser determinada para delimitação das aguas jurisdiccionadas, a qual exige frequentes rectificações, pelo meridiano que passa a meio da linha da foz, a partir da orla exterior dos bancos da barra, estendendo o regimen do rio até fóra das barras; assim não se tornariam necessarias as rectificações periodicas, que a commissão mixta propõe, e mais facilmente seria reconhecida esta linha de delimitação de que a linha quebrada determinada pela commissão.

No dia 13 dissolveu-se a commissão retirando o sr. Ernesto de Vasconcellos para Lisboa, e regressando o sr. Teixeira dos Reis a Faro. Nesse dia os srs. Toda e de la Matta foram dar um passeio á mina de S. Domingos acompanhados pelos srs. capitães dos portos de Villa Real e Ayamonte, e pelo consul de Hespanha em Villa Real de Santo Antonio, seguindo todos a bordo da canhoneira hespanhola «Cuervo» até ao Pomarão.

No dia 12 foi offerecido pelos commissarios hespanhoes um jantar aos commissarios portugueses e aos officiaes dos canhoneiras «Tavira» e «Cuervo» os srs. 1.º tenentes Nunes da Silva Francisco Eduardo dos Santos e D. Manuel Pasquin n'um dos principaes hotéis do Ayamonte.

O jantar começou ás 8 da noite e terminou depois das 11 horas reinando sempre a mais completa cordialidade entre todos. Para este jantar foram convidados os capitães dos portos de Ayamonte e Villa Real e o consul de Portugal em Ayamonte, não podendo estes dois ultimos aceitar o convite, por motivos assaz attendiveis.

Ao «toast» foram brindados os soberanos dos dois paizes, as marinhas ali representadas, tendo-se tambem trocado alguns brindes pessoais, entre os commensaes.

O «menu» que era deliciaesissimo compunha-se do seguinte:

- Sopa de yerba.
- Cordero asado con alcaucilles.
- Gallinas rellenas.
- Atun mechado á la andaluza.
- Lenguado en tartera.
- Langostinos al natural.
- Anchoas fritas.
- ENTREMES
- Salchichon.
- Pimientos Morrones.
- Espárragos.
- POSTRES
- Ensalada. Naranja. Queso.
- Dulces variados.
- VINOS.
- Burdicus Amontillado y Cognac.
- Licores y Café.

Consta-nos, que em agosto ou setembro deve reunir-se de novo a commissão mixta para de commum accordo fazer os regulamentos para o exercicio da pesca nas aguas dos dois paizes, e determinarem por meio de sondagens as linhas paralellas á costa que determinam as zonas reservadas a cada paiz.

Um cavalheiro espera na sala a entrada do papá e da mamã, enquanto Bébé lhe salta nos joelhos... mas, de repente Bébé empinando-se, bate-lhe na calva:

—Diz, anda, é aqui que tu levas açoites? ... quando és mau?

Exportação de cortiça

No dia 12 de maio, para Hamburgo, Herold & C.ª, 5 fardos de cortiça e 21 saccas com rolhas. Companhia Londres & Lisboa, 50 fardos de cortiça, 27 saccas com rolhas, e 230 saccas com serradura de cortiça.

No dia 15, para Hamburgo, Herold & C.ª, 50 volumes de cortiça. Francisco A. Santos, 260 fardos. Para Bremen, Francisco A. Santos 250. Para Riscaldy, W. Raukin & Sons, 617 fardos de aparas de cortiça. Para Philadelphia, Herold & C.ª, 400 fardos de cortiça. Para Christiania, Companhia Londres & Lisboa, 25. Para Liverpool, N. Villalonga, 26 saccas com rolhas.

UM COPEJO

Coisas ha que, por mais que uma penna abalisada e acostumada se empenhe em descrever, por mais que se esforce em empregar as côres vivas e as *nuanças*, jámais consegue dar uma idéa completa e cabal da verdade e sempre fica muito aquem da realidade.

Já um nosso distincto poeta dizia que mais valia presenciar as coisas do que fazer d'ellas uma idéa, mas que na impossibilidade d'assistir a ellas, se deve contentar em ouvir-as narrar por quem mais dê d'ellas uma idéa aproximada.

Neste caso está o fazer uma descripção exacta do que seja um *copejo* d'atum.

A nossa penna não possui o condão de descrever as coisas com as côres mais proprias, de modo que o leitor se julgue no acto de as estar vendo, e muito menos ella é de maneira alguma abalisada; procuraremos, contudo, empregar as diligencias possiveis para dar aos nossos leitores uma palida idéa do que seja um *copejo* d'atum.

Na sexta-feira passada presenciamos, na armação do *Forte Novo*, esse espectáculo, na realidade admiravel e verdadeiramente digno de ser examinado por quem não soffra o incommodo do enjão e não se inquiete em ver o sangue do atum tingir as aguas do recinto do *copo*.

Começa-se pela operação de *coar* o peixe para o *copo*, por meio d'uma rede chamada *coador*, sustentada por dois barcos que a conduzem até á barea das *portas*; em frente d'esta está a barea da *testa* e aos lados os barcos denominados das *gachas*, destinados a receber o atum *copejado*; tanto n'aquella como n'estas está o *preguiceiro* e mais companheiros d'olhar attento para as aguas do *copo*, á espera de ver entrar o peixe.

Com que alegria, com que satisfação e com que jubilo alguns d'elles, ao verem o peixe, gritam para a barea das *portas*: *íça, íça*.

Então todos os olhos convergem para o mesmo ponto, e dentro em pouco começam a distinguir-se as *moitas* d'atum, o que não é dado gosar aos olhos profanos, mas só áquelles que já muito habituados estão.

Em seguida os barcos de *porta* começam a levantar o *copo* e a aproximar-se pouco a pouco da *testa* e das *gachas*, e á medida que o cerco aperta vão-se clara e distinctamente vendo os peixes, irrequietos, sobresaltados com a vozaria que parte de todos os lados.

Dentro em pouco, o atum fechado n'um círculo mais apertado, espadana com o rabo, fazendo saltar a agua a grande distancia, molhando todos os espectadores, que desejam gosar aquelle bello espectáculo, superior ás touradas, ás quaes os afficionados tanto apreço dão, recebendo por esse motivo as imprecações dos caturras, que chamam ás touradas um barbaro espectáculo.

Talvez que esses caturras tambem alcuhassem de barbaros os *copejadores* d'atum!

Collocados todos a postos começa a faina do *copejo* e cada qual á porfia pretende, com o seu *bicheiro* de mão, ferir maior numero de peixes e metel-os no seu barco, acontecendo algumas vezes tomar tambem o seu banho algum marujo que, mais descuidado, não se segurou bem.

E', na verdade, admiravel e surprehendente aquelle bello espectáculo, que enche d'enthusiasmo os espectadores, principalmente aquelles que pela primeira vez o gosam.

Desculpem, pois, os nossos leitores se não podemos dar-lhes uma idéa mais precisa do que seja um *copejo*, os motivos já os deixamos enunciados no principio d'este mal confeccionado artigo.

Não podemos deixar d'agradecer ao nosso presado amigo Francisco de Paula Souza Leite, muito digno administrador d'aquella armação, a maneira delicada e attenciosa com

que nos obsequiou, proporcionando-nos, a par de todos os esclarecimentos, uma lauta mesa.

Desculpe-nos o nosso bom amigo se ainda mais alguma vez o formos importunar.

Harmonias do prado

(Ao EX.º SR. DR. A. VICTOR)

Adeus ó lindas carminadas rosas!
Flores mimosas que habitais o prado!
Adeus arbustos d'odorifras sombras!
Verdes alfombras onde eu fui creado!

Adeus gentis, alcantiladas serras:
Que em ti encerras harmonias mil!...
Ai! quem me dêra te habitar ainda!
Mansão tão linda do meu casto abril!...

Ai! quem pudesse deslumbrar o mundo:
Abyssino immundo que me faz soffrer!...
Ouvir o côro de gentis cantôres!...
Ir lindas flores outra vez colher!

Pois foi além nas verdejantes plagas:
Em duras fragas, lá onde eu nasci!
Me acalenta-am as canções das aves!
Que tão suaves nunca mais ouvi!...

Aqui não ouço as harmonias lindas,
Canções infindas que a natureza deu!...
Só ouço o mocho no cantar funéreo:
No cemiterio nos dizer: morreu!...

Nem sinto a brisa deslisar fagueira
Entre a cidreira que perfuma o ar:
Trazer aromas e canções suaves
Das lindas aves que lá vão pousar!

Ai! como é lindo o susurrar das fontes
Por entre os montes, no vergel, além!
Lindo é tambem da philoméla o canto:
São echo e pranto que a natureza tem!...

Mas já não goso as harmonias bellas:
Canções singellas de gentis trinados!
Ai! quem me dêra lá voltar ainda:
Gosar a linda solidão dos prados!

Portimão, 8—4—93.

João Xavier de Paiva (OLD-NICH).

Sr. redactor:—Mais uma vez tomo a liberdade de importunar-o, pedindo-lhe a publicação de mais estas poucas linhas para, por este meio fazer publico qual a razão da minha expulsão da *Cooperativa de Instrução e Recreio Popular*, hoje com mais razão denominada a *Cooperativa de Desmoralisação e Massacre Constante*:

Foi em assembléa geral de 16 do corrente, composta de 34 socios, a gloriosa sentença da minha expulsão, e digo gloriosa sentença, porque assim foi, porque sendo a sociedade composta de 153 socios, os recentes invasores, os batoteiros eleitoraes só conseguiram reunir 34 para me sentenciarem, e, d'esse diminuto numero ainda se abstiveram de votar contra mim 5. E' porque, os 5, como os 119 que não compareceram, conheciam a injustiça d'aquella patifaria, sabiam qual o motivo que a ella deu causa!...

Foi nada mais, na lá menos que o eu não me calar aos insultos e ameaças que me foram dirigidas pelo *excellentissimo* senhor José d'Azevedo Pacheco, na tal celebre noite de 30 d'abril ultimo. Eu bem sei como deveria ter procedido e o que elle queria;—era depois do insulto ajoelhar-me aos pés do trapaceiro de votos e pedir-lhe perdão das offensas que elle me tinha dirigido—a exemplo do que prega lá o seu prior—*quando te derem uma bofetada, offerece a cara para levar outra*.

Ora a minha tempera é outra, eu não quero, á custa de taes sacrificios, fazer figura de... *fidalgos*. Isso é bom para os *sabios* membros da direcção, que querem figurar á custa de tudo; pobres lorpas, que nem conhecem o que são nem o desgraçado papel que estão desempenhando. Ali ha só um *esperto*—é o *digno* fiscal,—*aquillo* sim, *aquillo* é uma perfeita *encyclopedia*, aquelle já está antevendo a volta que fatalmente hão de levar todos os artistas—a mesma que eu levei, não excluindo a sabia direcção, que hoje é cego instrumento dos vis instinctos do grupo de... *fidalgos*, que amanhã serão senhores de tudo o que ali está!...

O fiscal, esse nunca sairá, esse lá tem um dos *fidalgos* a seu lado, e um dos que sabem da *poda*, um exímio batoteiro eleitoral. Depois elle já não é artista, elle já não precisa de colmeias para... fazer figura no celebre grupo dos... *finos aristocratas*.

Aconselho, portanto, a todos os artistas, a esses que não estão resolvidos a ser capacho ou a servir d'instrumento a toda a qualidade de perfidias, que tomem a resolução de sair, porque estão irremissivelmente condemnados a soffrer a pena que me foi applicada, e mais airoso será despedirem-se do que, por qualquer futil pretexto, serem expulsos; a expul-

são, ainda quando, como a minha, seja muito velhacamente ordenada, sempre produz mau effeito cá fóra, e é exactamente para destruir esse effeito que eu venho a publico explicar a razão da minha saida.

Lá diz o antigo rifão—*quando vires as barbas do teu visinho arder põe as tuas de molho*. Por esta razão serão mais sensatos do que eu fui os que acceitarem o meu conselho—*rua*, antes que a isso sejam forçados.

Hoje sinto-me feliz por me ver livre do despotismo do *Zésinho*, que n'esta terra é rei absoluto com o *poderoso* auxilio do... já se sabe.

Para aquelle não ha *soiços* a respeitar nem *estatutos* a cumprir. Elle é que é um verdadeiro *suíço*.

Não querendo tornar-me massador, termino agradecendo-lhe, sr. redactor, e subscrevendo-me de

Y. etc.

Loulé, 18 de maio de 1893.

C. M.

Messines

Grande crime—duplo filicidio

Na aldeia da Amorrosa, a dois kilometros d'esta povoação, foi praticado o horrendo crime de duplo filicidio, com o auxilio do já celebre e repellente *Bruxo*, Manuel Mesquita, de S. Marcos da Serra, que com o maior desaforo exerce a nigromancia, tendo já soffrido prisão correccional por tal exercicio.

As victimas

Ignacia Moutinho, sympathica rapariga de 18 annos de idade, filha de Joaquim Corrêa e de Victoria Moutinho, achando-se no seu estado interessante foi victima da mais repellente malvadez, exercida por sua propria mãe e auxiliada por Mesquita. Esta mãe, ou antes este monstro, porque lhe não fica bem o doce nome de mãe, não abriga em seu peito um coração que pulse, um coração de mulher; em seu logar estão os figados d'um chacal.

Foi no dia 11 do corrente que terminaram os dias para as victimas dos ferozes instinctos d'essa loba cerval que dava pelo nome de Victoria Moutinho, mãe e avó das victimas.

Ignacia Moutinho enomorára-se ha tempo d'um rapaz de nome Antonio Callado. Como acontece, em muitos d'estes casos, foram-se estreitando os laços de amor a um ponto que chegaram a relações intimas. Como era natural a rapariga appareceu no estado de gravidez. A mãe, essa fera, auctora dos seus dias, não ponde perdoar a sua filha esse momento de fraqueza, e arvorando-se em seu algoz prometteu vingar-se!

O rapaz, com uma certa nobreza de sentimentos, promptificou-se a reparar a falta commettida, recebendo por sua mulher Ignacia Moutinho, ainda mesmo quando a morte se tinha abeirado do seu leito! A mãe porém, superior a tudo, intransigente, não attendendo a cousa alguma e sequiosa de vingança pela offensa que sua filha lhe havia feito, não quiz ouvir os mais acertados e prudentes conselhos e tratou de pôr em pratica as intenções criminosas que o seu cerebro havia concebido.

Quando teve conhecimento do estado de sua filha, a primeira idéa que lhe suggeriu foi provocar o aborto, e para isso procurou medicamentos, quando o caminho a seguir era harmonisar-se com o rapaz e apressar o casamento; mas a idéa do crime cegava-a.

Andando errada e criminosamente remetteu a filha para S. Marcos, ao Mesquita, o *Bruxo*, afim de a fazer abortar; voltou sem que o aborto se tivesse dado, mas a mãe, a fera, não parou, não socego e chama novamente o Mesquita, sendo resolvido em conciliabulo arrancar-lhe das entranhas o fructo dos seus amôres! Mesquita, de braço arregaçado e fuso em punho procede á operação; o resultado não foi satisfatorio, a morte não se fez esperar.

Hoje, logo de manhã, apresentou-se aqui a justiça para proceder á autopsia das victimas, constando-nos terem-se encontrado bastantes vestigios do crime.

Foi denunciante d'esta monstruosidade o namorado da victima.

O crime está entregue á justiça, e cremos que ella saberá punir os repugnantes criminosos, para os quaes pedimos todo o rigor da lei.

Nota:—Tem sido bastante commentado o facto de não terem sido já capturados os criminosos, como medida preventiva.

13 de maio de 1893.

(Do nosso correspondente).

AGRADECIMENTO

Maria d'Assumpção Silva, José Simão da Silva, Francisco Simão da Silva e Sebastião Simão da Silva, faltariam a um dever de gratidão se não viessem dar um publico testemunho do seu reconhecimento para com todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras, e depois acompanharam a sua derradeira morada, sua querida e sempre chorada mãe Bernarda Maxima da Silva. Assim, pois, por este, meio, agradecem a todos e protestam a sua eterna gratidão.

Loulé, 19 de maio de 1893.

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

ARREMATACÃO

No domingo 21 do corrente, pelas onze horas da manhã, á porta do estabelecimento commercial do inventariado João Gregorio dos Santos, senior, na rua de S. Sebastião, d'esta villa, se ha de pôr pela terceira vez em praça com abatimento de metade do valor arrematando-se a quem maior preço offerecer a armação e balcão do referido estabelecimento no valor de 40\$000 réis.

São por este citados quaesquer credores incertos para deduzirem seus direitos ao producto da arrematacão.

Loulé, 19 de maio de 1893.

O escrivão,

Sebastião Drago d'Azevedo Lobo.

Visto—DUARTE PIMENTA.

Unico deposito NO

ALGARVE

Participa José Leal que tem no seu armazem (á Ponte do Cadoço, Loulé) um grande sortido de louça preta, para fogo e para mesa, que vende por preços muito baratos.

Tambem fornece para qualquer ponto do Algarve. Para revendedor com abatimentos consideraveis.

HOTEL TRES COROAS

134, RUA DOS DOURADORES

LISBOA

Este bem conhecido hotel recebe hospedes desde 600 réis diarios, reservando sempre magnificos aposentos para as familias que previnam por carta ou postal.

Tratamento sem rival.

Casa fundada em 1863

J. B. GONÇALVES.

PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tão aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)

LISBOA

ARREMATACÃO

2.º annuncio

NO domingo, 21 do corrente, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial, na Rua do Espirito Santo d'esta villa para pagamento do passivo do inventario orphanologico de João Gregorio dos Santos, senior, que foi morador n'esta dita villa, ha de voltar á praça, com o abatimento de metade do seu valor, uma courella de terra de sementeira, com arvoredos, no sitio da Cabanita, da freguezia de S. Sebastião d'esta referida villa, e pela quantia de 150\$000 réis. As despesas da praça e pagamento da contribuição de registo pelo arrematante.

São por este citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos ao producto da arrematacão.

Loulé, 10 de maio de 1893.

O escrivão,

Sebastião Drago d'Azevedo Lobo.

Visto—Duarte Pimenta.

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acoio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

VENDA DE CASAS

QUEM pretender comprar doze moradas de casas terreas constando cada morada, de casa de fóra, cosinha e quintal, situadas na rua da Ponte Nova, nos suburbios d'esta villa, dirija-se a João Antonio Rodrigues Mealha, seu proprietario.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA

de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

Agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.

VENDA DE PREDIO URBANO

Vende-se uma casa e cavallariça, n'esta villa, que foram do escrivão sr. Drago, e que hoje pertencem ao herdeiro de José Bernardino de Sousa, fallecido em Albufeira.

Quem pretender pode dirigir-se ao dito herdeiro, padre Domingos José de Sousa, em Albufeira.

SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES
MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira
gençbra, cognac e licores
QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e epina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento de

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAS E ESPARTO
NO LARGO DE S. FRANCISCO
LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farello, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodoas, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada brançura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodoas, borbulhas e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro ANTEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

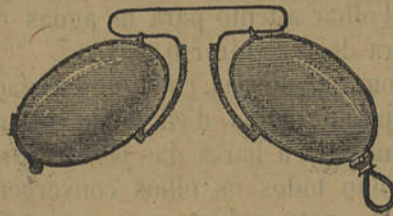
ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

GRANDE E COMPLETO SORTIDO DE OCULOS E LUNETAS



EM TODOS OS GRAUS

Louças, vidros, candieiros e relosjos vindos directamente do estrangeiro.

Quinquilherias, bijouterias e outros artigos de novidade no estabelecimento de

Mannel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º E 2.º ANDAR
LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 17.000 réis por dia, um bom tratamento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,
Luiz Augusto Brandão.

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros, participações de casamento, envelopes e papel timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

CARREIRA DE DILIGENCIAS

Pablo Garcia Delgado, com trens de aluquer e diligencias para o caminho de ferro e S. Braz, fazendo os trasportes por preços bastante baratos; carros para conducção de malas, para toda a parte da provincia e quaesquer carros.

Encarrega-se de despachar encomendas para qualquer parte.

CINTOS ELASTICOS

FUNDAS, MEIAS ELASTICAS, ALGALIAS, MADEIRAS, ARTIGOS CIRURGICOS, PERFUMARIAS, AGUAS MINERAES, PRODUCTOS CHIMICOS, DROGAS, ETC., ETC.

DEPOSITO — PHARMACIA ALBERTO VEIGA

40, R. Retrozeiros, 42

AS PURGAÇÕES

(BLENNORRHAGIAS)

recentes ou antigas, catarrho de bexiga, etc., curam-se depressa e radicalmente com as:

CAPSULAS DE ESSENCIA DE SANDALO CITRINO DE ALBERTO VEIGA, PHARMACEUTICO.

Não estragam o estomago, nem produzem eructações desagradaveis; o seu uso é inteiramente inoffensivo. — Frasco 500 réis; pelo correio 550. Indica-se nos prospectos a maneira do emprego. Exija-se, como garantia, a assignatura de Alberto Veiga.

Depositos em Lisboa: Pharmacia Alberto Veiga, 40, rua dos Retrozeiros, 42; Pharm. Leão, Rocio, 115; Pharmacia Miranda, 228, rua do Ouro. No Porto: Pharm. do dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Coimbra: Pharmacia L. Ferraz; Pharm. Sobral e Pharmacia Nazareth & Irmão; Evora: Pharm. Guerreiro da Costa.

ALMANACH

DE

S. Braz d'Alportel

(ALGARVE)

PARA O ANNO DE 1893

(1.º DA PUBLICAÇÃO)

Editado por

João Manoel Rodrigues de assos

Contendo, além do calendario e outras indicações uteis, a descripção da aldeia de S. Braz d'Alportel e mais algumas noticias descriptivas referentes tambem a esta RAINHA DA BEIRA SERRA, artigos litterarios, versos, anedoctas, receitas, composições enigmaticas, etc., etc.

Vende-se em S. Braz d'Alportel nos estabelecimentos dos srs. João Valente Machado, Manoel Rodrigues de Passos, José Vicente de Móra Faria, Manoel Martins Domingues, José Salvador Alves da Costa, João Viegas Antonino, José Belchior Passos e João Manoel Rodrigues de Passos.

Na Fuzeta—no estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues de Passos.

Em Lisboa—na Tabacaria Lima, Praça dos Restauradores n.º 18.

E tambem nas principaes terras do Algarve e Alentejo, etc., etc.

PREÇO 60 RÉIS